

HORÁCIO, ODE 1.28

Pedro Falleiros Heise¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina

Apresentação

Para Alexandre Piccolo, *in memoriam*

Quintus Horatius Flaccus nasceu no dia 8 de dezembro de 65 a.n.e. em Venosa, sul da Itália, e morreu no dia 27 de novembro de 8 a.n.e. em Roma. Filho de um liberto, foi educado primeiro na cidade natal, depois levado pelo pai a Roma para a escola do gramático Orbílio, um admirador dos poetas gregos. Por volta dos 20 anos de idade, foi, como era costume na época, para a Grécia com o intuito de completar seus estudos. Em Atenas, aprofundou o convívio com a filosofia, área de seu grande interesse que estará presente em praticamente toda sua obra, a ponto de ser chamado o poeta filósofo da Roma antiga. Fez parte do Círculo de Mecenas, ministro do imperador Augusto, junto com Virgílio, Propércio e outros (cf. Conte, 1999).

Apresento aqui uma tradução de um poema lírico de Horácio, a *Ode* 1.28, na qual o poeta parece satirizar o filósofo pitagórico Arquitas, contemporâneo de Platão. Um dos pilares da doutrina pitagórica é a metempsicose, ou seja, a transmigração das almas. Horácio, contudo, um questionador das religiões, afirma que ninguém escapa à morte, que seria o fim de tudo, sem a possibilidade de um eventual retorno: é mais uma ocorrência em sua obra do célebre lugar-comum do *memento mori*. Com efeito, ganha destaque



pela posição (no segundo hemistíquio do verso 15, praticamente metade do poema) a sentença gnômica *sed omnis una manet nox* (“Mas uma única noite espera a todos”), que dialoga, dentre outras, com a mesma imagem da noite como metáfora da morte no famoso poema 5 de Catulo: *nox est perpetua una dormienda* (“há uma única noite perpétua para se dormir”), ainda que em contexto extremamente diferente.

De acordo com Nisbet & Hubbard (1970), o poema é um monólogo falado pelo cadáver de um homem afogado. Já para outros comentadores e editores horacianos, como Shackleton Bailey, haveria a voz do poeta e a do naufrago. O problema é que o “eu-lírico” desta ode se dirige a duas pessoas diferentes: primeiro, a Arquitas, depois, a partir do verso 23, a um *nauta* que estava passando por aquelas águas, a quem pede um funeral que permita fazer descansar sua alma. De fato, Nisbet & Hubbard (1970) ressaltam que “a estrutura do poema causa perplexidade porque não sabemos até o verso 21 que quem fala não é Horácio, mas um cadáver” (Nisbet & Hubbard, 1970, p. 318).

O poema traz ainda características típicas dos epigramas fúnebres gregos (alguns exemplos podem ser encontrados no livro 7 da *Anthologia Palatina*), nos quais se fala dos feitos do morto (aqui, os feitos de Arquitas). Além disso, nota-se a presença constante da cultura grega através das alusões tanto à mitologia quanto à literatura dos helenos na primeira metade do poema, no qual trata, justamente, de um grego. Ao elemento epigramático soma-se a diatribe.

Aprendemos com Nisbet & Hubbard (1970) que os pitagóricos eram alvo do racionalismo grego desde Xenófanes, o poeta iconoclasta dos séculos VI-V a.n.e. A “comédia nova”, do período helenístico (sécc. IV-II a.n.e.), também não os poupou, assim como certos poetas alexandrinos, como Teócrito e Calímaco, ambos dos séculos IV-III a.n.e. Passaram a ser ainda mais zombados pelos cínicos, cujas críticas podem ser vistas na obra de Luciano de Samósata (séc. II n.e.). Mas entre os romanos havia também aqueles que simpatizavam com a doutrina pitagórica, como o poeta arcaico Ênio (séc. III a.n.e.) e até mesmo Ovídio, contemporâneo de Ho-

rácio, que no último livro das *Metamorfoses* inclui um discurso do próprio Pitágoras (o que não deixa de suscitar uma possível ironia, seja porque quem fala é o próprio Pitágoras, e não alguma alma por ele, como se não tivesse havido a metempsicose, seja por se tratar do poeta de Sulmona, o *tenerorum lusor amorum* (“o poeta brincalhão dos tenros amores”), como ele mesmo se autodenomina em *Tristia* 4.10.1). Após essa espécie de diatribe ou satirização de Horácio quanto à doutrina pitagórica, o poema retoma características do epigrama e se volta para o “eu-lírico”, provavelmente um romano afogado, dado que a partir do verso 21 (“A mim”) as referências são todas latinas, inclusive à terra natal do poeta: *Venusinae ... silvae* (“florestas venusinas”).

As *Odes* de Horácio também são conhecidas pela polimetria. No caso da *Ode* 1.28, o metro empregado é a estrofe alcâmica (nome derivado do poeta grego Álcman, do século VII a.n.e.), que consiste na alternância entre hexâmetro datílico e tetrâmetro datílico. De acordo com Nisbet & Hubbard (1970), “os tempestuosos datílicos evocam o vento a bater nas florestas da infância de Horácio, ou a soprar a areia ao redor de um homem afogado no litoral da Calábria” (Nisbet & Hubbard, 1970, p. 319-320). A presente proposta de tradução tenta recuperar algo do ritmo e da sonoridade marcantes deste poema, sem se preocupar com formas fixas da tradição métrica de língua portuguesa. Niall Rudd, cuja edição uso para reproduzir o texto latino, traduziu as *Odes* horácianas em prosa, justificando essa escolha com o fato de que, “como qualquer um que alguma vez tenha tentado [*sc.* traduzir Horácio] vai admitir, não pode haver uma solução inteiramente satisfatória” (Rudd, 2012, p. vii).

Por fim, cumpre informar que esta tradução foi feita há anos atrás a pedido de Alexandre Piccolo, então professor de Língua e Literatura Latinas da Universidade Federal de Juiz de Fora, que as Parcas levaram tão cedo. Alexandre, em sua enorme gentileza destoante no meio acadêmico, estava preparando uma tradução integral das *Odes* de Horácio com diversos tradutores, uma obra que teria enriquecido em muito o repertório nacional. As notas são de sua autoria.

Horácio, **Ode 1.28**

*Te maris et terrae numeroque carentis harenae
 mensorem cohibent, Archyta,
 pulveris exigui prope litus parva Matinum
 munera, nec quicquam tibi prodest*
 5 *aerías temptasse domos animoque rotundum
 percurrísse polum morituro.
 occidi et Pelopis genitor, conviva deorum.
 Tithonusque remotus in auras,
 et Iovis arcanis Minos admissus, habentque*
 10 *Tartara Panthoiden iterum Orco
 demissum, quamvis clipeo Troiana refixo
 tempora testatus nihil ultra
 nervos atque cutem morti concesserat atrae,
 iudice te non sordidus auctor*
 15 *naturae verique. sed omnis una manet nox
 et calcanda semel via leti.
 dant alios Furiae torvo spectacula Marti;
 exitio est avidum mare nautis;
 mixta senum ac iuvenum densentur funera; nullum*
 20 *saeva caput Proserpina fugit.
 me quoque devexi rapidus comes Orionis
 Illyricis Notus obruit undis.
 at tu, nauta, vagae ne parce malignus harenae
 ossibus et capiti inhumato*
 25 *particulam dare: sic, quodcumque minabitur Eurus
 fluctibus Hesperii, Venusinae
 plectantur silvae te sospite, multaque merces
 unde potest tibi defluat aequo
 ab Iove Neptunoque sacri custode Tarenti.*
 30 *neglegis immeritis nocituram
 postmodo te natis fraudem committere? fors et
 debita iura vicesque superbae
 te maneant ipsum: precibus non linquar inultis,*

teque piacula nulla resolvent.
35 *quamquam festinas, non est mora longa; licebit*
iniecto ter pulvere curras.

Horácio, **Ode 1.28**

A ti, medidor do mar, da terra e da areia de número
infinito, te confinam, Arquitas,
os pequenos tributos de um pó exíguo junto ao litoral
de Matino e a nada te serve
5 ter explorado as moradas aéreas e percorrido
a abóboda celeste com o espírito morituro.
Também o pai de Pélops sucumbiu, comensal dos deuses,
como Titono, levado para os céus,
e Minos, admitido aos segredos de Júpiter, e o Tártaro
10 retém o Pantoides, atirado ao Orco
pela segunda vez, ainda que, comprovando os tempos
troianos com o escudo desprendido, nada mais
tivesse entregado à atra morte senão os nervos e a pele,
em teu juízo uma autoridade não desprezível
15 sobre a natureza e a verdade. Mas uma única noite espera
[a todos,
e trilhar o caminho da morte é só uma vez.
As Fúrias dão alguns como espetáculo ao torvo Marte,
o ávido mar é ruína para os nautas;
adensam-se os funerais misturando velhos e jovens: nenhuma
20 cabeça escapa à cruel Prosérpina.
A mim também o Noto, impetuoso companheiro de Órion
quando se põe, me afundou nas ondas ilíricas.
Mas tu, nauta, não deixes, qual malévolo, de oferecer um
[pedacinho
da areia inconstante aos meus ossos e à cabeça
25 insepulta: assim, qualquer ameaça que venha do Euro

com as ondas hespérias, que as florestas venusinas
recebam os golpes deixando-te a salvo, e que uma grande
[recompensa
venha para ti de onde é possível,
do justo Júpiter e de Netuno, guardião da sagrada Tarento.
30 Não te importas em cometer um erro que nocivo
[será
depois aos teus filhos inocentes? E talvez
as leis devidas e a retribuição por tua soberba
a ti próprio estejam reservadas: não serei abandonado com
[minhas
imprecações não vingadas, e nenhum sacrifício
[absolverá a ti.
35 Ainda que tenhas pressa, a espera não é longa; lançado
o pó três vezes, poderás seguir.

Notas:

- 2 *Arquitas*: originário de Tarento (sul da Itália), foi um notável pitagorista, matemático e filósofo, cujas contribuições à geometria e aritmética se destacam. Amigo de Platão, viveu na primeira metade do séc. IV a.n.e., tendo também se notabilizado como estadista e comandante militar.
- 3-4 *litoral de Matino*: embora os escólios antigos sejam imprecisos, o litoral de Matino devia ser próximo a Tarento, onde Arquitas provavelmente teria sido enterrado.
- 5 *moradas aéreas*: como muitos matemáticos antigos, Arquitas também era astrônomo.
- 7 *pai de Pélops*: Tântalo, apesar de ter comido ambrosia com os deuses (o que lhe garantiria imortalidade), também morreu, tornando-se um dos célebres castigados no Hades.
- 8 *Titono*: irmão mais velho do rei Príamo, por quem apaixonou-se a deusa Aurora, que decidiu levá-lo até os deuses; lá, pediu ela a Júpiter que concedesse imortalidade ao amado,

mas esqueceu-se de pedir juventude eterna. Titono, assim, envelheceu até se encarquilhar (cf. C. 2.16.30) e transformar-se numa cigarra, segundo certas versões, embora os versos de Horácio retratem-no entre os mortos.

- 9 *Minos*: mitológico rei de Creta, depois de morto tornou-se juiz no mundo dos mortos.
- 10 *Pantoides*: Euforbo, filho de Pântoo, foi morto por Menelau na guerra de Troia (cf. *Ilíada* 17.81). *Orco*: um dos nomes do mundo dos inferos.
- 12 *escudo desprendido*: diz uma história antiga que Pitágoras, ao ver vários escudos num templo em Argos, reconheceu um deles como o escudo de Euforbo (veja-se nota acima). Quando se desprende o escudo da parede do templo, pôde-se verificar numa inscrição em seu interior que o escudo havia sido mesmo de Euforbo. Para Pitágoras e seus seguidores, isso tornara-se prova de que Pitágoras havia sido Euforbo, através da metempsicose, numa vida passada – por isso, essa alma comum havia sido enviada ao mundo dos mortos “pela segunda vez” (cf. v. 11): primeiramente como Euforbo, depois como Pitágoras (cf. *Metamorfoses* 15.160-164).
- 14 *uma autoridade*: i.e., Pitágoras, cuja seita filosófica o próprio Arquitas seguia (veja-se nota acima).
- 17 *Fúrias*: também ditas Erínias ou Eumênides, são antigas divindades responsáveis, nos inferos, por punir crimes horrendos (parricídios, estupros, fraticídios etc.), costumeiramente descritas com serpentes entrelaçadas nos cabelos (cf. C. 2.13.36).
- 20 *Prosérpina*: deusa romana do mundo inferior (amiúde identificada com a grega Perséfone), Prosérpina cortava um cacho de cabelo daqueles que estavam para morrer, como uma primeira oferenda (cf. *Eneida* 4.696-705).
- 21 *Noto*: vento do Sul. *Órion*: em novembro a constelação de Órion começa a declinar, período em que também iniciam as grandes tempestades.

- 22 *ondas ilíricas*: na antiguidade, a Ilíria representava a região ocidental dos Bálcãs; ou seja, suas ondas significam a costa do mar Adriático.
- 25 *Euro*: vento que sopra do Leste.
- 26 *ondas hespérias*: os gregos chamavam a Itália de “Hespéria” (nome que significa “o ocidente, o Oeste” – sob o ponto de vista grego). Para os latinos, entretanto, passou a ser usado, posteriormente, para referir-se à Hispânia (terras a oeste da Itália). *florestas venusinas*: Venosa, cidade natal de Horácio, localiza-se na fronteira entre a Apúlia e a Lucânia, no sul da Itália, às margens do rio Ofanto (*Aufidus*). Cf. C. 3.4.9ss.
- 29 *Tarento*: a cidade portuária ao sul da Itália teria sido fundada por uma tribo de partênias (“filhas das virgens”) espartanas, que nomearam a cidade em homenagem a Taras, filho do deus grego Poseidão (em Roma, Netuno) com uma ninfa local.

Referências

Conte, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

Nisbet, Robin George Murdoch & Hubbard, Margaret. *A commentary on Horace: Odes, book 1*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

Rudd, Niall (Ed.). *Horace. Odes and Epodes*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

Shackleton Bailey, D. R. *Horatius, Opera*. Berlin: De Gruyter, 2008.

Recebido em: 27/11/2022

Aprovado em: 14/03/2023

Publicado em abril de 2023

Pedro Falleiros Heise. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: pedro.fh@ufsc.br. <https://orcid.org/0000-0001-6640-6992>.